



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_14/2016

Homilia na festa de S. João Baptista

Braga, 24.Jun.2016, 11h

Celebramos 400 anos de existência desta Capela de S. João. Fazemos história de um lugar icónico da cidade de Braga. Não olhemos, somente, para as marcas do passado a registar como imóvel patrimonial de valor significativo. Estes espaços têm outra relevância. Existem por causa da fé que moveu os cristãos a construírem e a manterem a sua actualidade pela fé que aqui vivemos e por tudo quanto nos pode ajudar a levar para a vida o estilo do Santo que aqui veneramos. As pedras falam mas as palavras e atitudes de S. João Baptista devem ouvir-se com maior incidência na vida daqueles que gostam desta Capela e dos espaços envolventes. As duas coisas adornam a figura de um personagem que realizou uma missão muito concreta como precursor de Jesus Cristo. Ouçamos, por isso, S. João!

Dos aspectos mais salientes da sua vida, devemos recordar a ousadia e o atrevimento de chamar a atenção a Herodes para que corrigisse o seu comportamento. Muitos viram a situação e calaram-se. Ele denunciou o erro e desafio Herodes dizendo-lhe “não te é lícito viver com a mulher do teu irmão”.

Estamos, este ano, a redescobrir o significado da misericórdia, aceitando-a como um estilo de vida com diversas marcas a qualificar o quotidiano. Ela convida-nos a olhar para as condições materiais da sociedade e a agir com obras concretas. Leva-nos a reconhecer que a parte espiritual dá qualidade de vida a quem oferece atitudes de misericórdia, assim como a quem é beneficiado por elas.

Nesta festa quero chamar a vossa atenção para a obra de Misericórdia “corrigir os que erram”. Foi isso o que fez João Baptista. É isso o que devemos fazer!

Sei que a nossa geração se prende mais à ideia, talvez inconsciente, do individualismo. Cada um zela pela sua vida e evita corrigir ou admoestar quem vive no erro. Podemos, quando muito, e apoiados no parecer de muitos, chegar ao direito/dever de aconselhar ou de sugerir. Mas corrigir parece-nos inadequado. Só quando nos deparamos com uma violação gritante da verdade é que esboçamos um tímido protesto. Quase sempre delegamos esta tarefa nos outros para não complicarmos a vida e evitarmos dificuldades ou complicações. Também somos individualistas e aceitamos, passivamente, que cada pessoa é juiz dela própria e que ninguém pode intervir na vida do outro, sobretudo se ninguém nos pede para o fazer.

Mas, pensando um pouco, teremos de reconhecer que com facilidade caímos em hipocrisia, dado que vemos as coisas, julgamos interiormente e criticamos aberta e publicamente, mas não queremos ter



problemas e, por isso, evitamos complicações. Nem todos os silêncios significam neutralidade ou ponderação. Alguns silêncios revelam compromisso ou defesa de interesses pessoais. Podemos pensar que cada um é dono de si mesmo e que ninguém tem o direito de se intrometer. Isto pode não ser verdade. Um diálogo amigável, uma palavra de correção e orientação pode ajudar as pessoas a recuarem de certos caminhos e a viverem segundo princípios honestos.

A história da Igreja mostra-nos como foi prática corrente – e continua a ser – a chamada *correção fraterna* ou até *hora da verdade*. Isto revela como podemos identificar-nos com a vida dos outros, carregá-la sobre os nossos ombros e assumir a responsabilidade de promover um encontro com a verdade doutrinal ou de amor mútuo, do qual pode resultar a melhoria da vida de todos. Corrigir o outro não é condená-lo ou intrometer-se na sua interioridade mas ajudá-lo a encontrar-se consigo. O Papa Bento XVI dizia que o grande mandamento do amor ao próximo exige e solicita uma responsabilidade perante os outros que, como nós, são filhos do mesmo Pai.

Ser irmãos na Humanidade e, em muitos casos, também na fé, deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro alter-ego, um outro eu. É esta fraternidade e solidariedade, mas também justiça, misericórdia e compaixão que me concede o direito/dever de me interessar pelo verdadeiro bem daquele ou daquela com quem me encontro. Perdemos o sentido do bem e do mal. Teremos de mostrar que o bem deve ser procurado sempre e por todos. Daí a responsabilidade diante do próximo de mostrar o que é o bem e o que é o mal. Não somos indiferentes. Pertencemos a um único corpo e temos de recuperar esta dimensão do agir caritativo do cristão. Não podemos calar-nos diante do mal e isto para respeitar a individualidade ou comodidade fáceis. Dizia Bento XVI: “Não calar por amor, admoestar é verdadeira caridade, e não fazê-lo não é respeito mas indiferença.”

Se é um dever, teremos de estar sempre atentos ao modo como o fazemos. Nunca condenamos ou recriminamos ninguém. Só interessa o amor desinteressado e a misericórdia activa que manifesta uma autêntica solicitude pelo outro, que considero e estimo como irmão. No tempo de Jesus Cristo, os fariseus estavam sempre a colocar problemas uns aos outros, eram mestres que não viam a trave nos seus olhos mas apercebiam-se do argueiro nos olhos dos outros. O cristão, ao corrigir, olha para si e depois pode falar para ajudar, para que os outros mudem, deixem comportamentos errados ou as opções contrárias ao verdadeiro bem. “Jesus admoesta mas não humilha”. À Samaritana diz-lhe “tudo o que ela tinha feito”, mas sempre na esperança e com misericórdia para ajudá-la a libertar-se da difícil situação em que as circunstâncias a tinham colocado. “Jesus corrige como um irmão, um pai, um amigo e não como um mestre que ensina os deveres a realizar ou os exames a efectuar.”

Desejei ver S. João Baptista nesta perspectiva. Olhando para o mundo e para a vida das pessoas, apercebo-me de um crescente desrespeito pelos valores de um autêntico humanismo. A par deste imperativo de dialogar sobre comportamentos especiais, apercebo-me de uma indiferença generalizada por parte das pessoas em nome de uma liberdade pessoal. Mas não será necessário, para bem dos indivíduos e da sociedade, assumir a coragem de corrigir, na verdade e misericórdia, quem erra? Pode ser uma criança a quem não se pode dizer nada para não magoar, uma vida familiar onde se esconde esta responsabilidade para não desestabilizar e mesmo na sociedade civil onde assistimos passivamente e deixamos que o erro se dilate, impedindo o verdadeiro bem de crescer. Há realidades erradas no âmbito pessoal e social, na vida familiar e política que não podemos ignorar nem deixar de



corrigir. Como é importante exercitar uma cidadania activa, não nos calando perante determinados caminhos que a sociedade portuguesa está a percorrer. Ela está a ser idealizada e construída por poucos e nós não nos podemos calar.

Que S. João Baptista nos torne capaz de conviver numa sociedade que reconhece as mais-valias da correcção dos erros. Estes existem em todos os sectores. Temos o instinto de auto-defesa e entrincheiramo-nos na nossa verdade que não queremos perder. Se todos fossem capazes de ver que a verdade não está só em nós, se acolhêssemos os pontos de vista diferentes, se acreditássemos que o reconhecer o erro e mudar ajuda a crescer, pessoal e socialmente, teríamos uma vida melhor e uma sociedade mais justa. Como discípulos de Cristo, acreditemos que da nossa intervenção, movida apenas e só pela verdade e pelo amor, muita coisa poderia mudar. Todos beneficiaríamos e o país seria diferente.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*